

## **Cenário geral das coligações para prefeito em 2000 e 2004<sup>1</sup>**

Carlos Machado – DCP/UFMG

O objetivo deste texto é apresentar os traços gerais quanto à maneira segundo a qual os partidos se apresentaram para as disputas de prefeituras em 2000 e 2004. O enfoque maior da abordagem dos dados se dará em torno da preocupação com relação aos arranjos das coligações eleitorais. Este estudo pretende apenas esboçar um panorama geral em torno de algumas questões gerais: a) a capilaridade dos partidos e sua distribuição de acordo com o tamanho do eleitorado; b) a recorrência do uso de coligações e de qual forma os partidos concorrem; c) taxa de sucesso de acordo com a forma de participação; e d) tamanho das coligações.

### **Eleições de 2000**

Nas eleições brasileiras ocorridas em 2000, 15.033 candidatos se apresentaram para disputar o cargo de prefeito em 5.556 municípios. Para compreender a disponibilidade de partidos para a realização de coligações é relevante observar como estes se distribuem localmente. A capacidade de participar de eleições para prefeito é denominada de capilaridade eleitoral, a qual se mede por meio da porcentagem do número de participações de cada partido dividido pelo número total de municípios. Nas eleições de 2000, observa-se a capilaridade eleitoral por meio da tabela 1, abaixo:

partido	municípios em que concorreu	capilaridade eleitoral
PMDB	5010	90,2%
PFL	4665	84,0%
PSDB	4348	78,3%
PPB	3965	71,4%
PTB	3510	63,2%
PDT	2858	51,4%

<sup>1</sup> Este trabalho é um dos capítulos iniciais da análise dos dados da dissertação “Identidades diluídas: coligações para prefeito no Brasil (2000 e 2004)”, defendida no Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília. O autor agradece a Luis Felipe Miguel pela orientação deste trabalho, bem como a Yan Carreirão, Flávia Biroli e Danusa Marques pelos comentários preciosos, seja durante a realização ou após o término da dissertação.

PT	2732	49,2%
PPS	2441	43,9%
PL	2417	43,5%
PSB	1907	34,3%
PSD	1360	24,5%
PSC	1087	19,6%
PSL	766	13,8%
PV	740	13,3%
PC do B	725	13,0%
PST	706	12,7%
PRP	693	12,5%
PMN	611	11,0%
PSDC	503	9,1%
PT do B	429	7,7%
PRTB	428	7,7%
PHS	366	6,6%
PTN	315	5,7%
PAN	244	4,4%
PRN	227	4,1%
PGT	207	3,7%
PRONA	132	2,4%
PSTU	82	1,5%
PCB	69	1,2%
PSN	28	0,5%
PCO	15	0,3%

Fonte: o autor, a partir de dados do TSE

A princípio pode-se afirmar que os quatro partidos com maior capilaridade são aqueles que possuem em suas origens ligações diretas com a estrutura partidária e institucional do sistema político da ditadura militar. Estão entre estes PMDB e PSDB, o primeiro advindo diretamente do MDB e o segundo uma dissidência do próprio PMDB, enquanto PFL e PPB dissidências do antigo PDS, originado na ARENA. Dentre os partidos com maior capilaridade, o destaque fica por conta do PMDB, que alcança 90,2% de participação. Partidos comumente classificados como direita<sup>2</sup> representam 49,7% do número total de partidos que participam das eleições para prefeito, cabendo aos dois partidos de centro 21,5% e aos partidos de esquerda 28,8%.

<sup>2</sup> Independente do ano, os partidos foram classificados como: a) esquerda - PT, PDT, PSB, PPS, PC do B, PV, PCB, PSTU, PCO, PHS, PSN e PMN; b) centro - PMDB e PSDB; c) direita - PFL, PL, PPB, PP, PTB, PAN, PRONA, PRP, PRTB, PSC, PSDC, PSL, PRN, PTC, PT do B, PGT, PSD, PST e PTN. Esta classificação se baseia em classificações elaboradas por outros autores (Kinzo, 1993; Carreirão, 2005).

Em grande medida PFL e PPB herdaram parcelas razoáveis de capital político proveniente do PDS, contudo a estrutura do PMDB se manteve quase intacta com separação do grupo que formou o PSDB. Como indica Campos (2002), as condições iniciais do PSDB não foram das mais robustas eleitoralmente, alcançando espaço expressivo na política brasileira apenas a partir de 1994. Para explicar tal situação é preciso considerar a disponibilidade de recursos políticos mais abundantes devido à ascensão do PSDB ao governo, durante o período FHC, quando os tucanos tiveram a oportunidade de projetar sua legenda nacionalmente, fator que, aliado à maior disponibilidade de recursos materiais, devido a esta mesma exposição, certamente possibilitou a fundação de diretórios em um maior número de localidades.

A existência de disparidades quanto à capilaridade dos partidos pode proporcionar algumas elucidacões sobre o comportamento dos partidos políticos em suas coligações. Para Schmitt (1999) a consistência ideológica dos partidos tende a ser maior entre partidos de direita do que entre aqueles de esquerda. Uma das explicações para esta ocorrência deriva da escassez da participação de partidos de esquerda nas eleições municipais. Nas eleições de 2000, os partidos de esquerda possuíam menos recursos estratégicos o que dificulta a formação e manutenção de uma estrutura organizacional vasta no que se refere aos municípios brasileiros. Além disso, deve-se considerar a situação em que se torna necessário recorrer a uma coligação para impedir a vitória do principal adversário. Apesar dos partidos tenderem a buscar parceiros mais próximos ideologicamente (Soares, 1964; Figueiredo, 1994), caso não exista partido ideologicamente convergente na localidade, convém pesar benefícios e malefícios de possibilitar a vitória de um adversário político direto ou se aliar com um partido de menor afinidade ideológica.

Territorialmente existem diferenças quanto à distribuição da participação entre os diferentes partidos. Ao conferir os dados da tabela 2, nota-se a diferença quanto à capilaridade a partir do tamanho do eleitorado. PMDB, PFL, PSDB e PPB participam com grande impacto entre os menores municípios, tendendo a aumentar a capilaridade em municípios maiores, porém participam com menor intensidade entre as grandes metrópoles. Por outro lado, partidos como PTB, PT, PPS, PSB e PSD possuem baixa capilaridade entre os municípios com menos de 5 mil eleitores, porém sua participação aumenta proporcionalmente ao aumento do tamanho do eleitorado. O primeiro grupo de partidos

possui maior entrada entre os municípios de pequeno a médio porte, enquanto o segundo possui maior apelo nos grandes centros urbanos.

**Tabela 2:** capilaridade partidária pelo tamanho do eleitorado nas eleições de 2000, por partido

partido	menos de 5 000 eleitores	5 001 a 10 000	10 001 a 50 000	50 001 a 100 000	100 001 a 500 000	mais de 500 001
PMDB	79,3%	80,7%	85,6%	88,8%	89,4%	85,7%
PFL	72,3%	78,9%	84,2%	86,3%	92,7%	92,9%
PSDB	63,9%	73,3%	81,8%	90,6%	89,4%	71,4%
PPB	62,5%	64,5%	72,2%	82,5%	87,0%	78,6%
PTB	46,9%	60,1%	71,1%	87,5%	92,7%	100,0%
PDT	36,9%	44,0%	58,9%	78,1%	87,0%	85,7%
PPS	27,8%	37,3%	54,7%	75,6%	87,0%	92,9%
PL	25,0%	39,0%	56,3%	78,1%	90,2%	85,7%
PT	22,6%	33,3%	46,7%	73,8%	87,8%	92,9%
PSB	15,5%	27,3%	48,6%	78,1%	90,2%	92,9%
PSD	12,9%	19,7%	33,5%	48,1%	68,3%	92,9%
PSC	5,9%	16,9%	28,1%	53,1%	66,7%	92,9%
PSL	4,7%	10,9%	19,1%	45,0%	61,8%	92,9%
PC do B	1,9%	5,6%	21,7%	56,9%	90,2%	100,0%
PST	4,3%	9,2%	17,2%	41,9%	65,0%	78,6%
PV	2,5%	6,7%	18,6%	61,9%	78,0%	85,7%
PRP	5,6%	8,9%	16,0%	36,9%	59,3%	71,4%
PMN	2,9%	7,0%	16,1%	33,1%	65,9%	92,9%
PSDC	2,3%	6,1%	12,0%	33,8%	56,9%	64,3%
PT do B	0,9%	4,6%	11,5%	29,4%	57,7%	85,7%
PRTB	1,9%	4,8%	10,2%	25,0%	48,8%	64,3%
PHS	1,0%	2,4%	8,9%	21,3%	66,7%	71,4%
PTN	1,0%	3,0%	6,7%	26,9%	54,5%	92,9%
PAN	0,1%	1,7%	4,8%	17,5%	60,2%	78,6%
PRN	0,5%	2,4%	5,7%	13,1%	27,6%	50,0%
PGT	0,3%	1,3%	4,4%	20,0%	43,9%	50,0%
PRONA	0,1%	0,5%	2,7%	16,3%	26,0%	42,9%
PCB	0,0%	0,0%	0,8%	9,4%	21,1%	71,4%
PSTU	0,0%	0,1%	0,3%	3,8%	17,1%	14,3%
PSN	0,2%	0,4%	0,8%	1,3%	1,6%	0,0%
PCO	0,0%	0,1%	0,0%	1,3%	0,0%	0,0%
total de municípios	2060	1489	1710	160	123	14

Fonte: o autor, a partir de dados do TSE.

Para avaliar a participação dos partidos de menor porte deve-se recorrer à outra abordagem, uma vez que a capilaridade eleitoral distorce a distribuição da participação destes partidos pelo tamanho do eleitorado. Será mais frutífero observar a proporção sobre o número de participações de cada partido, denominada de capilaridade partidária.

**Tabela 3:** capilaridade partidária pelo tamanho do eleitorado nas eleições de 2000, por partido selecionados

partido	menos de 5 000 eleitores	5 001 a 10 000	10 001 a 50 000	50 001 a 100 000	100 001 a 500 000	mais de 500 001	Total de Participações
PSL	12,9%	21,7%	43,8%	9,7%	10,2%	1,7%	746
PC do B	5,6%	11,8%	52,2%	12,8%	15,6%	2,0%	711
PST	13,1%	20,2%	43,4%	9,9%	11,8%	1,6%	678
PV	7,7%	14,8%	47,0%	14,6%	14,2%	1,8%	677
PRP	17,5%	20,0%	41,1%	8,9%	11,0%	1,5%	664
PMN	10,1%	17,7%	47,1%	9,0%	13,8%	2,2%	586
PSDC	10,0%	19,0%	43,1%	11,3%	14,6%	1,9%	478
PT do B	4,6%	16,5%	47,5%	11,4%	17,2%	2,9%	413
PRTB	10,1%	18,2%	44,2%	10,1%	15,2%	2,3%	396
PHS	6,3%	10,4%	45,7%	10,1%	24,5%	3,0%	335
PTN	6,6%	14,6%	37,9%	14,3%	22,3%	4,3%	301
PAN	1,3%	11,2%	36,8%	12,6%	33,2%	4,9%	223
PRN	5,3%	17,5%	47,1%	10,2%	16,5%	3,4%	206
PGT	3,1%	10,3%	39,0%	16,4%	27,7%	3,6%	195
PRONA	1,7%	6,7%	38,3%	21,7%	26,7%	5,0%	120
PCB	0,0%	0,0%	21,5%	23,1%	40,0%	15,4%	65
PSTU	0,0%	5,6%	13,9%	16,7%	58,3%	5,6%	36
PSN	14,3%	21,4%	50,0%	7,1%	7,1%	0,0%	28
PCO	0,0%	33,3%	0,0%	66,7%	0,0%	0,0%	3

Fonte: o autor, a partir de dados do TSE.

Com indica a tabela 3, acima, os partidos de menor porte concentram suas participações nos municípios cujo número de eleitores se encontra entre 10 e 50 mil. PCB, PSTU e PCO são os únicos partidos neste grupo que apresentam sua maior capilaridade partidária em outra categoria. A menor quantidade de recursos para estes partidos acaba por limitar sua capacidade de atingir os menores municípios. Estes partidos preferem

concentrar seus esforços em localidade de maior porte pela disposição de maior quantidade de recursos disponíveis. Ao mesmo tempo, disputas em municípios de maior porte tendem a apresentar cenários por demais acirrados politicamente, o que dificultaria a capacidade destes partidos se apresentarem como uma força relevante para a participação em eleições para prefeito.

Quanto às características específicas das formas de participação eleitoral de cada partido apresenta-se a tabela 4. Por meio dela observa-se quais as formas de participação dos partidos, ou seja: (a) disputou com candidato próprio, mas sem apoio eleitoral de outros partidos, apresentado nas tabelas como *sozinho*; (b) participou com candidato próprio apoiado por outros partidos, identificado como *cabeça-de-chapa*; (c) concorreu apoiando candidatos de outros partidos, referido como *coligado*.

Sobre a decisão de concorrer sem alianças eleitorais, entre os partidos de maior relevância nacional, o PT é aquele que se diferencia. Se a estratégia mais recorrente entre os partidos políticos brasileiros é concorrer a eleições para prefeito por meio de coligações, o caso do PT se distingue, pois concorre isoladamente 28,2% das vezes em que participa. Este valor só é suplantado pelos partidos extremistas de esquerda: PSTU (54,8%) e PCO (80%), que, todavia, tiveram uma participação diminuta – respectivamente 1,6% e 0,3% dos municípios.

**Tabela 4:** Participação nas eleições municipais para prefeito de 2000, por partido

partido	sozinho	cabeça-de-chapa	coligado
PMDB	662 (13,2%)	2182 (43,6%)	2166 (43,2%)
PFL	434 (9,3%)	1867 (40,0%)	2364 (50,7%)
PSDB	381 (8,8%)	1700 (39,1%)	2267 (52,1%)
PPB	357 (9,0%)	1053 (26,6%)	2555 (64,4%)
PTB	204 (5,8%)	874 (24,9%)	2432 (69,3%)
PDT	222 (7,8%)	682 (23,9%)	1954 (68,4%)
PT	770 (28,2%)	546 (20,0%)	1416 (51,8%)
PPS	151 (6,2%)	483 (19,8%)	1807 (74,0%)
PL	128 (5,3%)	480 (19,9%)	1809 (74,8%)
PSB	111 (5,8%)	370 (19,4%)	1426 (74,8%)
PSD	60 (4,4%)	249 (18,3%)	1051 (77,3%)
PSC	56 (5,2%)	114 (10,5%)	917 (84,4%)
PSL	20 (2,6%)	80 (10,4%)	666 (87,0%)
PV	64 (8,7%)	72 (9,7%)	604 (81,6%)

PC do B	14 (1,9%)	14 (1,9%)	697 (96,1%)
PST	29 (4,1%)	50 (7,1%)	627 (88,8%)
PRP	30 (4,3%)	48 (6,9%)	615 (88,7%)
PMN	28 (4,6%)	52 (8,5%)	531 (86,9%)
PSDC	25 (5,0%)	43 (8,6%)	435 (86,5%)
PT do B	18 (4,2%)	30 (7,0%)	381 (88,8%)
PRTB	32 (7,5%)	21 (4,9%)	375 (87,6%)
PHS	29 (7,9%)	24 (6,6%)	313 (85,5%)
PTN	15 (4,8%)	9 (2,9%)	291 (92,4%)
PAN	21 (8,6%)	4 (1,6%)	219 (89,8%)
PRN	21 (9,3%)	11 (4,9%)	195 (85,9%)
PGT	12 (5,8)	2 (1,0%)	193 (93,2%)
PRONA	12 (9,1%)	3 (2,3%)	117 (88,6%)
PSTU	46 (56,1%)	2 (2,4%)	34 (41,5%)
PCB	4 (5,8%)	- **	65 (94,2%)
PSN	- *	- **	28 (100%)
PCO	12 (80%)	- **	3 (20%)
Total	3968 (9,1%)	11065 (25,4%)	28553 (65,5%)

Fonte: o autor, a partir de dados do TSE.

\* partido não concorreu isoladamente

\*\* partido não concorreu como cabeça-de-chapa

Possivelmente esta atitude é motivada pela tentativa de construir uma imagem diferenciada do comportamento tradicional, o qual se baseia na utilização das regras eleitorais para retirar maiores ganhos políticos. Evidencia-se a intenção dos integrantes do PT de que a legenda torne-se uma alternativa aos demais partidos. Em conjunto com este fator é possível considerar a intenção de se apresentar como a principal alternativa na esquerda, com a pretensão de se constituir como força hegemônica dentro deste campo ideológico.

Ainda sobre este ponto, o PMDB apresenta uma taxa de participação isolada um pouco acima da média dos demais partidos. É possível compreender este comportamento a partir da consideração de que no momento da construção de coligação, um dos principais fatores para a união deriva da força política de cada um dos possíveis componentes desta possível aliança. A expressividade eleitoral de determinado candidato e seu partido, somada ao conjunto de acertos políticos inter-partidários, conduz à construção de candidaturas a prefeito. A capacidade do partido se apresentar como cabeça-de-chapa em uma coligação auxilia a evidenciar as relações de poder entre os partidos políticos no Brasil.

PMDB, PFL e PSDB concorrem, proporcionalmente aos seus totais de participação, mais vezes com o candidato a prefeito do que os demais partidos. Isso resulta tanto da capacidade destes partidos se apresentarem para um maior número de disputas eleitorais como do poder de influência na negociação pela liderança da coligação, a partir da acumulação de capital político.

Retomando o valor ligeiramente superior aos demais partidos quando concorrendo sozinho, o PMDB provavelmente não segue a referida estratégia petista, este número se deve mais à capacidade do PMDB em apresentar candidatos de sua legenda, devido a seu peso político, do que a uma estratégia de diferenciação. Ao abordar as vitórias obtidas por cada partido, contidas na tabela 3, este assunto será discutido de forma mais apropriada.

Quanto aos menores partidos, pelos motivos inversos aos apresentados para explicar o comportamento pemedebista, estes concorrem para prefeituras basicamente apoiando outros candidatos, uma vez que o apoio a candidatos de outros partidos representa aproximadamente 80% das participações destes. Isso corrobora a tese de Souza (1976) sobre a necessidade de partidos pequenos em fazer parte de coligações para disputarem eleições. Do ponto de vista da eleição majoritária, devido à dificuldade de se apresentarem como uma força política relevante para a disputa destes cargos, os partidos de menor porte apóiam candidatos mais expressivos com o intuito de obter indicações ao governo na estrutura local.

O número absoluto de vitórias obtidas pelos partidos com maior capilaridade corrobora a percepção inicial, e óbvia, sobre a necessidade de participar de um maior número de eleições para obter um maior número de vitórias. Os valores percentuais se referem à taxa de sucesso<sup>3</sup> dos partidos em cada tipo de participação.

Em grande medida é possível dizer que os partidos realizam um cálculo bastante preciso sobre os custos e os benefícios ao escolher qual forma irão participar de uma eleição (tabela 5).

partido	total de vitórias	sozinho	cabeça-de-chapa	coligado
PMDB	2393 (47,8%)	214 (32,3%)	1042 (47,8%)	1137 (52,5%)
PFL	2257 (48,4%)	139 (32,0%)	887 (47,5%)	1231 (52,1%)
PSDB	2160 (49,7%)	104 (27,3%)	885 (52,1%)	1171 (51,7%)

<sup>3</sup> Razão entre o número de vitórias de um partido pelo número de participações que este teve.

PPB	1946 (49,1%)	123 (34,5%)	495 (47,0%)	1328 (52,0%)
PTB	1656 (47,2%)	38 (18,6%)	360 (41,2%)	1258 (51,7%)
PDT	1207 (42,2%)	32 (14,4%)	256 (37,5%)	919 (47,0%)
PPS	1062 (43,5%)	15 (9,8%)	151 (31,3%)	896 (49,6%)
PL	1141 (47,2%)	17 (13,3%)	217 (45,2%)	907 (50,1%)
PSB	788 (41,3%)	11 (9,9%)	122 (32,3%)	655 (45,9%)
PT	754 (27,6%)	37 (4,8%)	150 (27,5%)	567 (40,0%)
PSD	614 (45,2%)	5 (8,3%)	106 (42,6%)	503 (47,9%)
PSC	441 (40,6%)	3 (5,4%)	30 (26,3%)	408 (44,5%)
PSL	324 (43,3%)	- *	26 (32,5%)	298 (44,7%)
PC do B	262 (36,1%)	- *	1 (7,1%)	261 (37,5%)
PST	318 (45,0%)	1 (3,5%)	15 (30%)	302 (48,2%)
PV	290 (39,2%)	1 (1,6%)	12 (16,7%)	277 (45,9%)

Fonte: os autores, a partir de dados do TSE.

\* partido não concorreu isoladamente

A taxa de sucesso, em certa medida, se apresenta entre 40% e 49%, com pequena vantagem para os partidos de direita. O partido que mais se distânciava desses valores é o PT, com uma taxa de apenas 27,6%. Com isso duas possibilidades se apresentam: a) ou os diretórios municipais petistas não são capazes de pesar adequadamente o seu apoio eleitoral; ou b) estes empregam a estratégia de utilizar a disputa eleitoral também como uma arena simbólica, não apenas pragmática e contextual, onde o interesse maior é fazer uma campanha de crescimento de seu apoio com base em valores diferenciados da política tradicional, em vez de buscar ganhos eleitorais.

Ao mesmo tempo é possível perceber, do ponto de vista do eleitor, uma rejeição à apresentação de chapas isoladas do PT. Se estas constituem uma parcela importante das disputas petistas, ao mesmo tempo se apresentam como a forma menos eficaz de disputa por este partido (4,8%), inclusive com taxas de sucesso inferiores a quase todos os partidos quanto a este quesito (a participação isolada do PMDB alcança sucesso em 38,3% das vezes). Esta constatação reforça a hipótese de que o PT disputa sozinho não porque julga que obterá êxito, mas para marcar posição e construir espaço político.

No que concerne ao tamanho das coligações, estas possuem uma média de 4,5 partidos. De acordo com a tabela 6, os partidos com menor participação eleitoral tendem a concorrer em coligações maiores, à exceção do PSTU.

<p><b>Tabela 6:</b> tamanho médio das coligações nas eleições de 2000, por partido</p>
--

partido	média do número de partidos coligados
PGT	7,1
PAN	6,8
PRONA	6,4
PCO	6,3
PTN	6,3
PRN	5,9
PT do B	5,6
PRTB	5,6
PHS	5,5
PSDC	5,2
PMN	5,1
PST	5
PV	4,9
PRP	4,8
PSL	4,6
PCB	4,6
PSC	4,5
PC do B	4,4
PSD	4
PSN	3,9
PSB	3,7
PL	3,7
PPS	3,5
PDT	3,4
PTB	3,3
PSDB	3,1
PPB	3,1
PFL	2,9
PMDB	2,9
PT	2,8
PSTU	2,6
<b>média</b>	<b>4,6</b>

Fonte: o autor, a partir de dados do TSE

Se quanto a número de participações e de vitórias PMDB e PT possuem valores diversos, o tamanho médio de suas coligações é muito próximo. Após PSTU – com média de 2,5 partidos coligados – tendem a participar das menores coligações, PMDB e PT – ambos com 2,8 partidos em média. Porém, a diferença para os demais partidos com porte

mais elevado é diminuta. Este valor contribui para atribuir ao PT a busca por demonstrar um comportamento divergente frente aos demais partidos (de esquerda ou direita) em sua estratégia política. A apresentação de coligações menos densas indica uma maior capacidade, entre os maiores partidos, de esses adquirirem valor político por si mesmos. Desta forma não dependeriam de coligações com um número elevado de partidos para obterem o apoio político necessário para participarem de disputas por prefeituras, acontecendo o oposto com legendas menos consolidadas eleitoral e politicamente.

Ao comparar os dados da tabela 6 com aqueles da tabela 2 é relevante questionar como se distribui territorialmente a constituição do tamanho das coligações. O número de partidos coligados se refere ao número de partidos que integram a coligação *além* do primeiro, ou seja, nas tabelas 7, 8, 9 e 10; o valor “1” indica uma coligação entre dois partidos. Ainda é necessário frisar que o tamanho das alianças foi bastante amplo, por exemplo; nas eleições para prefeito na capital da Paraíba, a chapa comanda pelo PMDB foi composta por 21 partidos. Inclusive, esta aliança conduziu à vitória o então candidato Cícero Lucena por uma margem expressiva dos votos válidos (74%).

Uma vez que coligações maiores costumam incluir partidos menores, e estes, por sua vez, se apresentam majoritariamente em locais com eleitorado elevado, seria de se esperar que grandes coligações ocorressem nestes mesmos locais.

**Tabela 7:** distribuição do tamanho das coligações nas eleições de 2000, por tamanho do eleitorado segundo o total de cada categoria de tamanho da coligação

tamanho do eleitorado	número de partidos coligados						
	1	2	3	4	de 5 a 9	de 10 a 14	15 ou mais
menos de 5 000	39,3%	34,0%	28,2%	14,2%	1,9%	0,0%	30,2%
5 001 a 10 000	28,0%	27,9%	27,9%	21,0%	4,9%	0,0%	26,1%
10 001 a 50 000	27,1%	32,2%	37,1%	50,2%	37,7%	16,7%	35,0%
50 001 a 100 000	2,9%	2,9%	3,6%	7,5%	21,6%	5,6%	4,2%
100 001 a 500 000	2,4%	2,7%	2,6%	6,3%	30,2%	72,2%	3,8%
mais de 500 001	0,4%	0,3%	0,7%	0,8%	3,7%	5,6%	0,6%
TOTAL	3699	2995	1959	2232	162	18	11065

Fonte: o autor, a partir de dados do TSE

As menores coligações se concentram em regiões com menor eleitorado, derivado da falta de disponibilidade de partidos, além de haver maior facilidade para partidos

grandes alcancarem maiorias. A incidência de grandes coligações ocorre apenas nas localidades mais densas eleitoralmente, confirmando a expectativa esboçada anteriormente.

Contudo, nos maiores municípios mais de 70% das coligações são formadas no máximo por outros quatro partidos, de forma que as coligações compostas com outros cinco ou dez partidos são significativos apenas nos eleitorados entre 100 e 500 mil eleitores, de acordo com a tabela 8, abaixo.

**Tabela 8:** distribuição do tamanho das coligações nas eleições de 2000, por tamanho do eleitorado segundo o total de cada categoria de tamanho do eleitorado

tamanho do eleitorado	número de partidos coligados							TOTAL
	1	2	3	4	de 5 a 9	de 10 a 14	15 ou mais	
menos de 5 000	29,2% (1376)	30,8% (1453)	21,6% (1018)	11,7% (553)	6,7% (317)	0,1% (3)	0,0% (0)	100% (4720)
5 001 a 10 000	25,3% (978)	26,8% (1036)	21,6% (835)	14,1% (546)	12,1% (468)	0,2% (8)	0,0% (0)	100% (3871)
10 001 a 50 000	24,8% (1280)	19,4% (1001)	18,7% (963)	14,1% (727)	21,7% (1120)	1,2% (61)	0,1% (3)	100% (5155)
50 001 a 100 000	21,2% (126)	17,9% (106)	14,7% (87)	11,8% (70)	28,3% (168)	5,9% (35)	0,2% (1)	100% (593)
100 001 a 500 000	26,0% (148)	15,3% (87)	14,4% (82)	8,8% (50)	24,7% (141)	8,6% (49)	2,3% (13)	100% (570)
mais de 500 001	48,4% (60)	12,9% (16)	8,1% (10)	10,5% (13)	14,5% (18)	4,8% (6)	0,8% (1)	100% (124)

Fonte: o autor, a partir de dados do TSE

Independente do tamanho do eleitorado a tendência observada em maior escala é a preferência pelos partidos políticos brasileiros em formar alianças com o menor número possível de partidos, apesar de existirem exceções.

Por outro lado, coligações maiores seriam capazes de obter sucesso mais facilmente do que coligações menores. Nasce desta premissa a motivação básica para a formação de alianças. Para as eleições de 2000 essa premissa se confirma, segundo a tabela 9:

**Tabela 9:** porcentagem do tamanho da coligação nas eleições de 2000, por resultado

resultado	número de partidos coligados						
	1	2	3	4	de 5 a 9	de 10 a 14	15 ou mais
Eleito	35,8%	42,3%	48,0%	50,4%	53,8%	66,7%	66,7%
Não eleito	63,7%	57,5%	51,8%	49,1%	45,6%	33,3%	33,3%
Registro negado	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%
Renúncia/falecimento/cassação	0,4%	0,1%	0,2%	0,5%	0,4%	0,0%	0,0%

Fonte: o autor, a partir de dados do TSE

Para entender com maior precisão estes valores é preciso controlar estatisticamente o tamanho do município para perceber se esta característica oferece alguma diferença para os valores medianos. No intuito de comparar o efeito do tamanho da coligação sobre as

vitórias a partir da densidade eleitoral, determinou-se a taxa de sucesso para cada classe considerada na tabela 10:

**Tabela 10:** número de vitórias proporcionais ao número de participações segundo o tamanho da coligação nas eleições de 2000, por tamanho do eleitorado

tamanho do eleitorado	número de partidos coligados						
	1	2	3	4	de 5 a 9	de 10 a 14	15 ou mais
menos de 5 000	43,1%	51,1%	57,9%	63,5%	61,6%	- *	- *
5 001 a 10 000	38,3%	43,8%	47,3%	52,8%	61,4%	66,7%	- *
10 001 a 50 000	27,8%	36,3%	44,3%	48,1%	53,2%	79,4%	33,3%
50 001 a 100 000	10,4%	18,4%	32,9%	34,0%	57,5%	53,8%	100,0%
100 001 a 500 000	13,8%	17,1%	28,0%	22,5%	34,8%	65,7%	76,9%
mais de 500 001	6,3%	10,0%	30,8%	25,0%	33,3%	50,0%	- *

Fonte: o autor, a partir de dados do TSE

\* não houve participações

Os dados da tabela 10 confirmam a linearidade quanto ao tamanho da coligação e a efetividade eleitoral em todas as variações de eleitores. Independente do tamanho do eleitorado no município, quanto maior o tamanho da coligação, maior a efetividade eleitoral; à exceção de três casos, decorrente da necessidade de unir as coligações mais numerosas em três classes para permitir a melhor visualização dos dados.

## ***Eleições 2004***

As eleições de 2004 são marcadas pela expectativa da influência da chegada do PT à presidência da República em 2002. A partir dos dados da tabela 11 é possível perceber que em quantidade de participações o PT finalmente chega ao patamar dos partidos mais estruturados localmente (PMDB, PFL, PSDB, PTB e PP), de tal forma chegando a alavancar seu principal parceiro de coligação nas eleições de 2002, o PL.

**Tabela 11:** participações nas eleições para prefeito de 2004, por partido

partido	municípios em que concorreu	capilaridade eleitoral
PMDB	5088	91,5%

PT	4741	85,2%
PSDB	4564	82,1%
PFL	4414	79,4%
PP	4297	77,3%
PTB	4261	76,6%
PL	3930	70,7%
PDT	3617	65,0%
PPS	3373	60,6%
PSB	2655	47,7%
PV	1841	33,1%
PSC	1670	30,0%
PC do B	1366	24,6%
PSL	1288	23,2%
PMN	1235	22,2%
PRP	1192	21,4%
PSDC	1090	19,6%
PHS	1062	19,1%
PTC	933	16,8%
PRTB	930	16,7%
PT do B	892	16,0%
PTN	887	15,9%
PAN	651	11,7%
PRONA	471	8,5%
PCB	188	3,4%
PSTU	109	2,0%
PCO	46	0,8%

Fonte: o autor, a partir de dados do TSE

O aumento da participação partidária nas disputas eleitorais de 2004 possui semelhanças e ao mesmo tempo diferenças com relação às eleições de 2000. Inicialmente é transparente quais partidos alcançam melhores resultados no incremento de sua capilaridade eleitoral, exatamente PT e PL, os quais ocupavam os cargos de presidente e vice-presidente da República. Outro dado merece atenção, a disparidade entre o aumento da capilaridade do PT se comparada aos demais partidos, pois mesmo o PL fica muito aquém dos valores dos petistas.

Ainda cabe ressaltar que quanto à distribuição dos partidos políticos que participam de disputas à prefeitura persiste o predomínio dos partidos de direita com 47,4% do número total de representações partidárias para estas eleições. Contudo, entre os partidos de

esquerda e de centro ocorre uma reviravolta. Percebe-se um crescimento brutal no número de ocorrências de partidos de esquerda, 35,6%. A queda para 17,0% entre os partidos de centro se explica devido à saturação do PMDB e do PSDB, pois já concorriam em grande número de municípios.

A tendência apresentada em 2000, com relação à constatação de dois grupos distintos entre os maiores partidos, desaparece por completo em 2004 (Tabela 12).

**Tabela 12:** capilaridade partidária pelo tamanho do eleitorado nas eleições de 2004, por partido

partido	menos de 5 000 eleitores	5 001 a 10 000	10 001 a 50 000	50 001 a 100 000	100 001 a 500 000	mais de 500 001
PMDB	91,0%	89,3%	92,5%	98,9%	97,8%	100,0%
PFL	74,9%	83,6%	88,7%	96,3%	94,0%	100,0%
PSDB	74,7%	81,1%	87,6%	97,4%	97,8%	100,0%
PPB	67,5%	75,2%	83,6%	94,7%	99,3%	100,0%
PTB	70,8%	73,5%	83,9%	94,7%	93,3%	100,0%
PDT	75,6%	85,9%	92,3%	97,9%	99,3%	100,0%
PPS	56,3%	69,2%	82,2%	96,8%	95,5%	100,0%
PL	51,6%	60,8%	77,0%	94,2%	97,8%	100,0%
PT	43,1%	59,1%	73,7%	96,3%	95,5%	100,0%
PSB	27,7%	43,2%	63,9%	91,1%	97,8%	100,0%
PSD	11,3%	25,9%	50,8%	88,4%	96,3%	100,0%
PSC	12,0%	26,8%	41,7%	76,3%	89,6%	100,0%
PSL	6,2%	15,6%	38,7%	85,3%	98,5%	100,0%
PC do B	8,9%	17,6%	33,0%	66,3%	84,3%	100,0%
PST	7,0%	16,3%	33,0%	66,8%	85,1%	94,4%
PV	6,0%	18,2%	31,6%	63,2%	70,9%	94,4%
PRP	5,7%	14,0%	29,1%	64,2%	76,9%	100,0%
PMN	4,9%	12,3%	28,8%	68,4%	85,8%	94,4%
PSDC	4,1%	11,7%	25,4%	50,5%	78,4%	94,4%
PT do B	4,8%	11,7%	24,2%	54,7%	76,9%	94,4%
PRTB	3,9%	11,5%	23,7%	52,1%	76,1%	88,9%
PHS	3,1%	11,2%	23,4%	58,4%	79,9%	100,0%
PTN	1,8%	5,8%	17,9%	45,8%	74,6%	105,6%
PAN	1,3%	5,2%	11,5%	33,7%	58,2%	100,0%
PRN	0,7%	0,5%	3,9%	15,8%	35,8%	94,4%
PGT	0,0%	0,0%	0,6%	4,2%	11,2%	66,7%
PRONA	0,1%	0,2%	0,8%	11,1%	38,8%	100,0%

PCB	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
total de municípios	1934	1458	1828	190	134	18

Fonte: o autor, a partir de dados do TSE.

PMDB, PFL, PSDB e PP participam da totalidade das eleições ocorridas nos maiores municípios, tendência seguida pelos partidos do segundo grupo. Ao mesmo tempo, aquelas agremiações que não possuíam força eleitoral nos locais com menor eleitorado passam a participar com maior relevância em 2004. Os partidos de menor porte mantêm a concentração nos municípios de médio porte.

Para compreender melhor as variações entre as participações de 2000 e 2004, calculou-se a taxa de crescimento relativa ao espaço ainda possível de ser ocupado por cada partido, observada na tabela 13, a seguir. Para a determinação deste cálculo é necessário obter a diferença entre o número total de municípios em dada eleições e o número total de participações de um partido na eleição anterior. Com isso é obtido o número máximo de aumento que o partido pode apresentar, o qual serve como divisor para o número de participações do partido na eleição analisada.

partido	participação em 2000	participação em 2004	aumento relativo ao espaço possível de se ocupar em 2004
PMDB	5010	5088	14,13%
PFL	4665	4414	-27,98%
PSDB	4348	4564	17,79%
PPB	3965	4297	20,79%
PTB	3510	4261	36,60%
PDT	2858	3617	28,07%
PPS	2441	3373	29,86%
PL	2417	3930	48,11%
PT	2732	4741	70,99%
PSB	1907	2655	20,47%
PC do B	725	1366	13,25%
PV	740	1841	22,83%

Fonte: o autor, a partir de dados do TSE

Os valores de aumento possuem grandes disparidades. Mesmo com o PC do B, tradicional aliado petista, possuindo um aumento tímido, ao fazer a média de crescimento

dentre os principais partidos de oposição e compará-la com os membros da base governista, o resultado é uma razoável diferença favorável ao segundo grupo. PSDB, PFL e PDT na realidade aumentaram em média 5,96%, devido em especial à queda do PFL. Como a base do governo federal era muito diversa durante este período, nela se encontram partidos tanto como o PMDB – que possui muito pouco espaço para expandir – e o PC do B – incapaz de aumentar sua capilaridade com vigor, de forma que apenas o PFL entre os grandes partidos obteve um resultado pior. Possivelmente o resultado do PC do B deve estar atrelado à saturação de sua capacidade organizativa, com base em grandes núcleos urbanos.

**Tabela 14:** Participação nas eleições municipais de 2004, por partido

partido	sozinho	cabeça-de-chapa	coligado
PMDB	321 (6,31%)	2159 (42,43%)	2608 (51,26%)
PFL	203 (4,60%)	1554 (35,21%)	2657 (60,19%)
PSDB	188 (4,12%)	1730 (37,91%)	2646 (57,98%)
PTB	115 (2,70%)	978 (22,95%)	3168 (74,35%)
PP	187 (4,35%)	1080 (25,13%)	3030 (70,51%)
PT	737 (15,55%)	1215 (25,63%)	2789 (58,83%)
PL	128 (3,26%)	904 (23,00%)	2898 (73,36%)
PDT	167 (4,62%)	688 (19,02%)	2762 (76,36%)
PPS	133 (3,94%)	757 (22,44%)	2483 (73,61%)
PSB	123 (4,63%)	497 (18,72%)	2035 (76,65%)
PV	113 (6,14%)	181 (9,83%)	1547 (84,03%)
PSC	52 (3,11%)	128 (7,66%)	1490 (89,22%)
PC do B	43 (3,15%)	62 (4,54%)	1261 (92,31%)
PSL	42 (3,26%)	83 (6,44%)	1163 (90,30%)
PMN	48 (3,89%)	104 (8,42%)	1083 (87,69%)
PRP	34 (2,85%)	114 (9,56%)	1044 (87,58%)
PSDC	55 (5,05%)	73 (6,70%)	962 (88,26%)
PHS	69 (6,50%)	72 (6,78%)	921 (86,72%)
PTC	32 (3,4%)	66 (7,07%)	835 (89,50%)
PRTB	32 (3,44%)	57 (6,13%)	841 (90,43%)
PT do B	29 (3,25%)	65 (7,29%)	798 (89,46%)
PTN	35 (3,95%)	35 (3,95%)	817 (92,11%)
PAN	28 (4,30%)	16 (2,46%)	607 (93,14%)
PRONA	17 (3,61%)	20 (4,25%)	434 (92,14%)
PCB	12 (6,38%)	- *	176 (93,62%)
PCO	34 (73,91%)	- *	12 (26,09%)

PSTU	104 (95,41%)	- *	5 (4,59%)
------	--------------	-----	-----------

Fonte: o autor, a partir de dados do TSE

\* partido não concorreu isoladamente

Se o PT conseguiu participar de um maior número de eleições, ao mesmo tempo outro fator é revelador sobre a postura do partido a partir de sua “nova fase”. Em 2000 concorreu sozinho 28,2% das vezes, para as eleições municipais de 2004 esta quantidade cai para 15,55%, ficando atrás novamente apenas dos partidos radicais de esquerda (PCO e PSTU). Mesmo assim ainda é o único partido grande a seguir com alguma ressalva com relação à realização de coligações.

Quanto a candidaturas apoiadas por outros partidos, aqueles que mais se apresentam como líderes de coligação são PMDB, PFL e PSDB. Do ponto de vista da participação para as disputas locais nenhum destes partidos foi abalado do ponto de vista da capacidade de congregar apoio e prestígio suficientes para lançar o maior número de candidatos a prefeitos.

As diferenças da distribuição regional não sofrem grandes alterações, mas PCB e PRP participam menos no Sul, e o PT modifica sua maior participação nas eleições do Sudeste – seu reduto tradicional – para dar mais ênfase à disputa no Nordeste. Em 2000 na região Sudeste se concentraram 31,6% de suas coligações, enquanto o valor era de 28,4% no Nordeste, em 2004 esses valores se invertem sendo, respectivamente, 28,9% e 33,2%.

No campo das vitórias os partidos tradicionais ainda dominam com larga margem de vantagem, mesmo com uma queda razoável em seu tamanho. Nas eleições de 2000 PMDB, PFL, PTB, PSDB e PPB somavam 77,4% das prefeituras, em 2000 este valor caiu para 66,4%, percentual ainda bastante expressivo.

partido	total de vitórias	sozinho	cabeça-de-chapa	coligado
PMDB	2243 (44,8%)	102 (31,78%)	954 (44,19%)	1187 (45,51%)
PFL	2213 (50,14%)	42 (20,69%)	750 (48,26%)	1421 (53,48%)
PSDB	2194 (48,07%)	42 (22,34%)	829 (47,92%)	1323 (50,00%)
PP	2032 (47,29%)	33 (17,65%)	518 (47,96%)	1481 (48,88%)
PTB	1971 (46,26%)	20 (17,39%)	403 (41,21%)	1548 (48,86%)
PL	1823 (46,39%)	12 (9,38%)	371 (41,04%)	1440 (49,69%)
PT	1617 (34,11%)	44 (5,97%)	367 (30,21%)	1206 (43,24%)

PDT	1604 (44,35%)	16 (9,58%)	290 (42,15%)	1298 (46,99%)
PPS	1514 (44,89%)	10 (7,52%)	295 (38,97%)	1209 (48,69%)
PSB	1130 (42,56%)	7 (5,69%)	168 (33,80%)	955 (46,93%)
PV	758 (41,17%)	3 (2,65%)	54 (29,83%)	701 (45,31%)
PSC	713 (42,69%)	- *	26 (20,31%)	687 (46,11%)
PSL	561 (43,56%)	4 (9,52%)	21 (25,30%)	536 (46,09%)
PC do B	509 (37,26%)	- *	10 (16,13%)	499 (39,57%)
PMN	508 (41,13%)	- *	31 (29,81%)	477 (44,04%)
PRP	504 (42,28%)	2 (5,88%)	35 (30,70%)	467 (44,73%)
PSDC	448 (41,10%)	1 (1,82%)	12 (16,44%)	435 (45,22%)
PHS	405 (38,14%)	4 (5,80%)	22 (30,56%)	379 (41,15%)

Fonte: o autor, a partir de dados do TSE.

\* partido não concorreu isoladamente

A taxa de sucesso do PT se elevou, em boa medida pela diminuição da opção pela disputa de prefeituras sem coligação, situação em que o partido amargava os piores resultados. Essa melhoria de aproveitamento eleitoral trouxe ao partido um aumento estrondoso quanto ao número de prefeituras em seu comando. Eram 187 em 2000, saltando para 411 em 2004, um aumento da ordem de mais de 200%, contudo ainda está longe da expressividade dentre os partidos de maior porte, pois não chega a ocupar 10% das prefeituras no país..

O tamanho das coligações aumentou, em 2004 o número médio de partidos em coligação foi de 5,3. A maior coligação ocorreu em São Vicente, município paulista, e contou com um total de 22 partidos, elegendo o candidato Tércio Augusto do PSB, em uma coligação na qual apenas PT, PSTU, PRONA, PCB e PCO não participaram.

partido	média do número de partidos coligados
PCO	9,7
PRONA	6,5
PAN	6,5
PTN	6,2
PRTB	5,9
PT do B	5,9
PTC	5,8
PCB	5,8
PSL	5,7
PHS	5,7
PMN	5,6

PSDC	5,6
PSTU	5,6
PRP	5,5
PSC	5,4
PV	5,2
PC do B	4,9
PSB	4,5
PPS	4,4
PDT	4,3
PL	4,3
PTB	4,2
PP	4,1
PSDB	3,9
PFL	3,9
PMDB	3,7
PT	3,5
<b>média</b>	<b>5,3</b>

Fonte: o autor, a partir de dados do TSE

PT manteve sua posição de partido com menores coligações, porém sua média subiu para 3,5. Cabe considerar que a expansão súbita do PT auxiliou para o aumento desta média. Ao aumentar sua rede de diretórios em localidades nas quais não possuía estrutura anterior, foi necessário se adequar à política local, adentrando coligações previamente existentes.

Não ocorreram mudanças significativas no que diz respeito à relação entre tamanho das coligações, tamanho do eleitorado em que estas coligações se apresentaram e efeito destes dois sobre a efetividade das disputas. Apenas um pequeno acréscimo no número de partidos coligados a se obter vitórias.

Em termos gerais os dados apontados indicam ocorrer uma expansão das forças consideradas ideologicamente de esquerda. Entre os partidos de maior porte, apenas o PT apresenta uma estratégia diferenciada, porém, em 2004 esta diferença se viu atenuada. A tendência geral entre os partidos é realizar coligações com leve tendência a possuir maior número de participações apoiando candidatos de outros partidos. A presença do PT a frente do governo federal certamente modificou a dinâmica das competições locais, como se observa pelo crescimento tanto do PT como dos partidos que pertenciam à base do governo

à época das eleições de 2004. Contudo, não é possível afirmar de imediato que o mesmo tenha ocorrido com relação às coligações realizadas para as disputas a prefeito, algo a se observar em outro estudo.

## **Refrências Bibliográficas**

CAMPOS, Consuelo Maria Pinto de. (2002), “Estudo de caso do surgimento e desenvolvimento do PSDB”. *Vitrais*. Brasília, n. 2, p. 83-108.

CARREIRÃO, Yan de Souza. (2005), Diferenças ideológicas entre partidos políticos: um estudo sobre os partidos catarinenses. GT n° 11 - Mídia, política e opinião pública, XXIX Encontro Anual da ANPOCS.

FIGUEIREDO, Argelina. (1994), “O desafio do Congresso Nacional: mudanças internas e consolidação institucional”. *Cadernos de Pesquisa*, vol. 3, p. 1-59.

KINZO, Maria D’Alva Gil. (1993), *Radiografia do Quadro Partidário Brasileiro*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer.

OLIVEIRA, Isabel Ribeiro de. (1973), “Notas sobre o comportamento das coligações eleitorais no Brasil (1950-1962)”. *Dados*, n. 10, p. 166-183.

SCHMITT, Rogério. (1999a), *Coligações eleitorais e sistema partidário no Brasil*. Rio de Janeiro: IUPERJ. (Tese de Doutorado).

SOARES, Gláucio Ary Dillon. (1964), “Alianças e coligações eleitorais: notas para uma teoria”. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, n. 17, p. 95-124.

SOUZA, Maria do Carmo Campello de. (1976), *Estado e partidos políticos no Brasil (1930 a 1940)*. São Paulo: Alfa-Ômega.